



# O Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX N.º 227 PREÇO 1\$00

## Património dos Pobres

Saibam todos quantos esta leme que hoje existe uma epígrafe assim, no conta-correntes do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. É verdade; encontra-se ali e também no livro de cheques que na maré se pediu, consta o mesmo **Património dos Pobres**. Nós não poderíamos ter jamais um tal volume de dinheiro na conta da Casa do Gaiato. É contra os nossos princípios. Temos de ter, sim, uns milhares de escudos para responder prontamente às nossas responsabilidades. Não podemos ter dívidas. Nunca as tivemos. Nunca as havemos de ter. **Porém**, deste salutar conceito aos grandes depósitos, vai um mundo que não é o nosso e no qual jamais poderíamos viver. Não é clima de pobres. Por isso mesmo na semana passada o Júlio foi ao Porto e depositou mil contos. Eu podia-me calar e gemer e fingir e tudo o mais que é costume fazer-se em casos e com obras semelhantes. Poderia duvidar de futuros donativos, uma vez declarada a posse de uma tão importante soma. Mas não. Eu amo a verdade. Gosto da transparência. Quero espalhar alegria. Varrer dúvidas do meu espírito. Assentar na confiança. Estão mil contos no Banco. Esta notícia não vai perturbar a marcha de futuras e grandes contribuições, proquê, veja-se o **agora** deste número. Isto é já o milagre da verdade. Ao contrário do que seria de esperar, o conhecimento

franco daquela quantia, inspira nas almas o desejo de a tornar maior! E assim a verdade. Quem a segue não anda nas trevas.

Aquele milhão de escudos não me mete medo. Não lhe chamo dinheiro manente. Não está ali para render. Não é capital. Os mil contos são o penhor de uma obra em marcha. Nesta data, encontram-se nada menos de catorze casas em vias de construção. Enquanto elas sobem, os operários têm caldo e pão garantidos. Também é verdade que no momento em que escrevo e há muitos meses atrás, se não fora o movimento das casas, eles não tinham pão nem caldo... A estas catorze, seguem-se imediatamente outras tantas. E outras e outras e outras. Ora é por isso mesmo que eu não tenho medo do depósito em questão. A actividade do Património causa a sua diminuição, e quando chegarmos ao fim, aparece novo milhão. O Júlio, que foi comigo à África, compreende a nossa doutrina. Quando em Luanda e já a caminho de Lisboa, como alguém nos tivesse dito para irmos a tal terra colher donativos, ele respondeu: *vamo-nos mas é embora que quanto mais dinheiro levarmos mais trabalho temos*. Está certo.

Entrou este título adorável nos livros do Banco Espírito Santo: **Património dos Pobres**. Não é uma firma. Não é um indivíduo. Não é nada deste mundo. É um hino do amor do próximo! Era bonito. Ficaria bem aos Directores do Banco levantarem-se, tirar o chapéu e dar uma dúzia de casas para o Património dos Pobres; elas são a doze contos. Talvez eles considerem. Se alguém tiver a curiosidade de marcar este sítio a lápis encarnado e fazer que tudo chegue às suas mãos, talvez eles meditem. As casas de Pobres são a urgência dos nossos tempos; são o desespero. Não admira que elas causem um milagre... Eu gostava. Eu gostaria, mais por eles, Directores, do que verdadeiramente pelos Pobres. Porquê? Porque estes têm a sua salvação mais próxima e os ricos não. E preciso haver no mundo quem tenha pena e use de muita caridade para com eles, ricos. É preciso que eles vejam e que compreendam e que não vão enganados até ao fim. De que lhes serve? A quem aproveitam as transacções e negócios se no fim se perdem? Aonde vão eles bater? Aonde fazer trocas? E como salvar-se, se durante a vida nunca salvaram ninguém? Vale a pena meditar estas verdades eternas! Haja alguém que sublinhe e que mande. Festeje-se cristãmente o novo e singular título ora nos livros do Banco: **Património dos Pobres**.

## AQUI, LISBOA!

Devolvido a quem de direito o leme da barca, volto contente ao meu posto de remador. Remar... Missão de responsabilidade, mas de igual urgência nestes tempos de ventos e marés contrárias.

Cá estamos de novo a repartir pelos nossos amigos Lisboaetas, as alegrias e tristezas que a eles, mais do que a ninguém, interessam.

Começo por agradecer o zelo e dedicação com que o Eng. Galamba se houve na orientação desta Casa. Entre os Rapazes é unânime o coro de louvores e saudade, porque se fez amar. Em educação, isto é essencial. Sem amor, reina a opressão e a revolta. Em ordem as contas, os trabalhos das Colónias de Férias, das Casas do Património, e do Casal Agrícola. Deixou uma lista de pobres que visitava sem descurar os das curraleiras. Não exigisse o Direito Canónico mais dois anos de estudo, que nós já o dávamos por distinto nos conhecimentos sociais que giram à volta da salvação dos nossos irmãos Pobres.

Passando aos Rapazes, venho encontrar menos três que andam fugitivos. Tivessem eles ambiente familiar, lá por onde andam, que não nos afligiria a sua perda. A fome há-de trazê-los como trouxe outros, agora de pedra e cal.

Nem por isso estão vagos os seus lugares: outros vítimas da morte, abandono e desvario dos pais vieram ocupá-los. Tugúrio, cadeia e cemitério — é o triângulo de residência obrigatória dos ascendentes destes nossos pupilos.

Sobre a nossa mesa de trabalho, uma mão cheia de postais. São de pessoas amigas que nos enviam nota de casas disponíveis para o almejado Lar. Todas, mesmo as

que nos indicam casas em Sintra... revelam interesse pela expansão da Obra. E lá vamos nós pormo-nos em campo a espreitar os papelinhos colados nas janelas. Tantos e tais topamos por essas ruas e becos, que temos na cabeça um tratado de conhecimentos urbanos. Quem quiser saber de casas em venda e de renda, desde trinta contos por mês, ao mais miserável tugúrio, que apareça nas nossas horas vagas...

Casa independente, apropriada ao que pretendíamos, é que nada. Por isso tivemos de aplanar as nossas aspirações e limitar-nos a um andarinho, algures.

Guiados por um dos ditos postais viemos a optar pelo rés do-chão, dum prédio da Avenida Defensores de Chaves, onde dentro em pouco, teremos muita honra em receber os nossos presados «sócios».

São dois contos de reis que vencem ao fim de trinta dias menos em Fevereiro que é aos vinte e oito. O negócio não é mau.

Vai uma dúzia de rapazes. Àqueles a quem fizerem doer a cabeça, que a apertem. São só doze horas por noite, que de dia estão no emprego. Pior estamos nós que, por aqui, ouvimos os cento e dez, nas vinte e quatro horas do dia. E não é tudo. É o trabucar dos pedreiros a ultimar a vacaria, dos carpinteiros a aplainar portas e janelas, dos serralheiros a malhar em ferro em brasa, dos trochas a levantar duas casas do património, e dos sapateiros a bater sola. Depois são os pobres a bater à porta para que seja para eles a casa que está em construção, e outros que nos vêm apresentar crianças que andam por lá ao

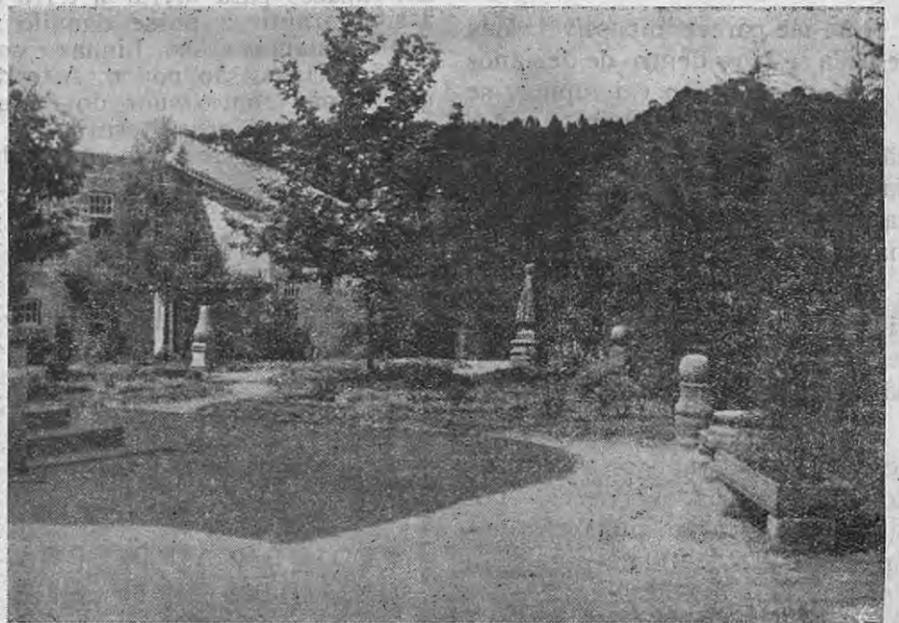
(CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA)

### OS NOSSOS LIVROS

Já podemos aflançar que **O Barredo** vai ser o livro do Natal; presente do Natal. Os dobradores andam com a penúltima folha. Os impressores já acabaram a derradeira. A capa entrou no prelo. Que mais? Mais nada.

Outra colsa. O postal a dizer do segundo volume do **Isto é a Casa do Gaiato**, anda por lá. O Manuel Pinto começou a expedir. Aos que deram 100\$00 pelo primeiro, entende-se que o segundo está pago, assim como o futuro **Barredo**. Por isso, se porventura recebem o postal, queiram fazer o obséquio de o não tomar em conta, devolvê-lo e chamar-lhe uma **Manelice**.

Tanto não se diz dos atrasadinhos.



Versailles? Não. Hyde Park? Também não. Então quê? A Casa do Gaiato.

**Aqui, Lisboa!** *Continuação da página anterior*

abandono. É um nunca mais acabar de pretensões. Somos remadores.

Não satisfeitos com isso, vamos até ao sanatório próximo visitar membros doentes de Cristo que nos pedem assistência religiosa, catecismos, crucifixos, e leituras amenas. Anda todo o mundo com fome de pão e não há quem lho reparta.

E finalmente as curreleiras. Comecei pela Cascalheira. Já aqui foi dito da ordem de destroçar. Fui ver se tinha sido executada. Muito bem: não ficou lata sobre lata. O naufrágio de Sepúlveda que eu lia, nos meus tempos de escola, não me deixou mais sensibilizado. Uma desolação! Há por ali uma dezena de agregados familiares que se não conformam com a retirada. Encostam-se aos muros, aos sucacos e a velhas caves abobadadas. As furnas foram reocupadas. Duma delas saía um homem com o filho pela mão. Mostra-me os pulsos da criança, inchados pelo reumatismo contraído em noites frias e húmidas, ali debaixo da terra. Uma infeliz viuva, surda, teima em não se arredar da manta onde se enrola, encostada a um taipal.

Pergunto-lhe ao ouvido o nome da sua terra natal e ela responde que ali lhe tinha morrido o marido e dois filhos. Tinha ouvido o que o coração ditava e não o que lhe perguntava.

Solução? Ninguém a descortina. A mim parece-me bem simples: dar condições de vida a esta gente, na terra onde nasceu.

Se há milhões para manter a paz e mais milhões para fomentar indústrias, também se poderão arranjar uns milharzitos para acudir às quinze mil famílias que, segundo as estatísticas vivem em Lisboa, sem lar próprio. Com um bom inquérito, o Governo viria a constatar que metade destas famílias ainda têm, na própria terra, um cantinho onde viver remediadamente. Esta era a primeira limpeza. Depois fechavam-se as portas da capital ao enxurro da província. E restava solucionar a situação das sete mil e quinhentas restantes.

Partindo do princípio que cada casa custaria vinte contos, era preciso uma verba de 150.000 contos, a aplicar num plano de dez anos, ou sejam quinze mil contos por ano.

Não me parece impossível. Mas se nada se fizer dentro de dez anos o número primitivo vai duplicar-se e então resta-nos apertar as mãos na cabeça, porque, trinta mil famílias deslocadas, é o flagelo de catastróficas consequências sociais.

Berrei novamente à pobre viuva pela sua terra natal. Consegui saber que era de Pescaneco, da Pampilhosa da Serra.

Se houver alguém em Pescaneco que queira aplicar a doutrina do «Património dos Pobres» nós ajudamos. Ficarão ainda nas curreleiras 14.999 famílias.

É assim que se começa. Nós temos que remar!

Padre Adriano

# AO MICROFONE **Agora**

Estamos há dias em Luanda, aonde contamos demorar até à próxima semana, a caminho da Zambézia, por terra. Digo no plural porque me acompanha um dos meus secretários, o Júlio. Não é por luxo que o trago. Não é por conforto. É que nele e por ele, mato as saudades de tantas centenas de filhos que em Portugal deixei. É só por isto.

Luanda, ao que vejo, é uma cidade que foge. Cidade que progride. Cidade a fazer-se. Aqui resiste-se à inércia. Oxalá ela saiba repartir e tenha meios de dar trabalho e comida a todos quantos batam às suas portas.

Estamos há dois dias no meio de vós. A menos que eu o diga, ninguém sabe ao que verdadeiramente venho, por isso vou dizer. Em primeiro lugar, é dar testemunho a todos os mortais de Cristo Ressuscitado, vivo, presente e exigente. Segundo, agradecer pessoalmente ao Governador Geral da Província a felicíssima notícia que chegou às minhas mãos de que ele faria todo o possível por promover a colocação de todo o rapaz da nossa Obra, indicado por mim e apresentado pelo Ministro do Ultramar. Além de alguns que já ganham aqui a sua vida, em virtude daquela promessa, veio um outro comigo no paquete «Quanza». É carpinteiro. Já se encontra a trabalhar.

Só eu sei dizer ao que vim. Só eu sinto a necessidade de agradecer superiormente; porque só eu me aflijo com a sorte destes meus filhos, que já não devem ficar em casa depois dos 20 anos de idade e eu, como pai que sou de cada um, tenho de os ajudar até ao fim. Ora Portugal continente, está esgotado. Não oferece empregos. Não posso garantir-lhes o nível de vida a que estão afeitos na Casa do Gaiato; nas nossas casas. E eu tenho medo que eles regressem. Tenho medo que eles tornem ao lixo de onde vieram. Por isso vim de tão longe nesta romagem de gratidão.

Connosco, de Lisboa, veio uma missão de engenheiros hidráulicos, todos eles moços com desejos de trabalhar e dar água às margens secas do Cunene. Sente-se nos olhos deles o sentido duma realização imediata. Eu não posso esconder a minha alegria. Eu sinto-me participante. Eu quero mandar rapazes para lavrar a terra e assim garantir a posse daquilo a que chamamos nosso. Linhas e cores de mapas, são pouco. A terra que dá pão com o suor do rosto, essa é que é a nossa terra.

Dizem os livros que em cada

**«BARREDO»**

A SAIR BREVEMENTE

O LIVRO QUE  
TODOS DEVEM  
ADQUIRIR

PEDIDOS Á EDITORA  
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO  
PAÇO DE SOUSA

10 anos vem bater à nossa porta um milhão de portugueses, mandados pelo próprio Deus. Que lhes vamos fazer? Aceitá-los. Pôr-lhes a mesa. Nós somos todos do Pai Celeste, porque cristãos. Por isso a água que dermos à terra vai-se transformar em pão. Os rapazes da nossa Obra não-de vir aqui fabricá-lo.

Nós temos duas extensas e formosas quintas em Portugal; uma ao pé de Lisboa e outra perto do Porto. Nesta, de Paço de Sousa, temos hoje um grande número de rapazes que semeiam e cultivam e colhem e tratam dos gados e da horta e dos jardins. A esses vou pregar. A esses vou dizer das possibilidades. E a seu tempo hei-de mandar alguns dos mais bem formados. Um de cada vez. Que uns se preparem para chamar os outros e assim, por unidades, formem a ponte. As multidões são um engano. As multidões mentem.

Eu vou pedir ao Sr. Governador que me ajude a abrir aqui uma residência; por melhor direi um Lar, semelhante aos que já temos hoje em várias cidades de Portugal. E assim como ali os nossos rapazes têm dado provas e se governam em família, assim também aqui. Sei o que digo. Afirmo. Tenho confiança nos meus.

Mas eu também venho com outro sentido. Eu trago a mensagem do «Património dos Pobres». Que vem a ser isto? Uma palavra celeste que Deus implantou no meu peito. Começamos em Abril do ano passado. A data da minha partida de Lisboa, eram 32 as casas do «Património» já habitadas e deixei 10 delas em construção. Elas são à beira das estradas, na orla dos caminhos, no meio dos campos, nas fraldas dos montes; por toda a parte aonde nos dêm uma nesga de terra. São destinadas aos habitantes das tocas e dos currais. Em todas elas aparece numa pedra saliente, a formosa divisa «Património dos Pobres». Nunca se viu isto em Portugal! É uma palavra nova fundada nas verdades eternas. Os Pobres têm hoje quem os defenda. Cada casa fica à roda de 12 contos. Tendo revisto o meu livro antes de embarcar, notei 32 dúzias de contos registados. Ofertas de mãos particulares. Aqui em Luanda, já tive uma oferta semelhante. Alguém que eu não conheço, encontra-me na rua e entrega-me 12 contos para uma casa. Fê-lo com tanta discriminação que a sua mão esquerda não viu o que a direita fez! Assim ensina o Mestre. Assim é o Evangelho. Ora estarei no meio de vós até à próxima semana. Eu não acredito que o povo de Luanda me deixe ir embora sem uma dúzia de casas. Forma agora o teu propósito. Dá daquilo que te faz falta. Esconde a mão. Não há no mundo outra expressão, nem outra linguagem, nem outra maneira de cada um dizer e provar e chamar-se *discípulo de Cristo*. Eu não acredito que não tenha ouvintes vivos a esta minha palestra de agora. Eu não quero que permaneças na morte por não saberes amar. Não acredito. E se depois destas minhas palavras de sangue, não houver quem acorde, vou-me embora triste. Triste por vós. Triste pelo vosso conceito e ignorância das coisas celestes.

Alguém, no Porto, entrega na rua ao Avelino 500\$; e aqui vai o dinheiro, mai-la confiança do Desconhecido e a fidelidade do rapaz. Tudo isto é bom material para construir casas de pobres.

Imediatamente a seguir, enfileira este senhor, que também é do Porto:

«Ajudado por Deus tem-me a vida corrido razoavelmente, com a possibilidade de amealhar um pouco do que sobra para o sustento, modesto embora, dos meus.

Por isso, há muito tempo, decidi ir dando para o «Património dos Pobres» o bastante para que V. mande edificar uma casinha.

Os meses porém foram passando e por descuido, a entrega do primeiro óbulo, vai-se retardando, ficando só na intenção, com o que, nem os pobres lucraram nem eu tão pouco.

Sucede agora, meu padre, que me vejo, sem querer, envolvido em coisas que podem obrigar a minha vida a dar uma grande volta.

Ora se Deus quiser que assim seja, as minhas forças ver-se-ão bastante diminuídas, donde resultará maior dificuldade em cumprir a promessa feita.

É por isso que envio agora 1.000\$00.

Mais material. Que simplicidade! Que beleza! Porquê? É um cristão a falar. Eis. Toda a poesia, toda a arte, toda a literatura, toda a obra; tudo quanto seja inspirado conhecimento e amor a Cristo, tudo é necessariamente belo. Ao lado deste e também do Porto, segue aquele grupo que costuma deixar as suas oferendas no *Espelho da Moda*; e quantas e que formosas! Uma pequenina amostra: 2 contos para uma casinha tirados ao meu ordenado em férias. Coimbra vai com um prego de 30\$. Vila Nova de Cerveira faz na mesma. Braga também responde com 20\$. Caramulo 50\$. Barcelos leva um colchão, 100\$. Angra do Heroísmo atravessa o mar e apresenta-se com 50\$. Chamusca 20\$. Um doente do hospital manda 50\$. Rio Tinto dobra. Um sacerdote vai aqui 300\$. Chaves vem lá de ao pé de Espinho com pouco menos,—250\$. A seguir, um senhor do Porto, (sempre o Porto!) dá 6 contos, metade da casa 14 irmãos.

Muita atenção. Olhem todos e vejam uma casa do Alentejo, recordação do meu bom marido e uma casa do Ribatejo, recordação do meu saudoso pai. Não são as casas. Elas, na verdade, representam, mas não são a dor e o afecto e a piedade. Ora estes sentimentos da alma é que são.

Eu tenho como doutrina certa que aonde houver alguém sem uma casa, algures, existe um outro alguém com vontade de a oferecer. Então que é que falta? Não falta nada. É só haver quem sinta e pregue nos altares esta grande aflicção. Nem se diga, como eu tenho ouvido, que isto não são coisas que se levem para o altar. São sim senhor. Isto é doutrina e da melhor. É mesmo por ela que nós somos julgados. Todos. O Justo Juiz articula pelas obras de misericórdia. De que vale esconder? A quem presta fazer poeira? Porque é que se não diz toda a verdade? Ou já não é ela quem nos liberta!

## UMA CARTA

«Tenho aqui um casal de paroquianos extremamente pobres, que estão a viver numa loja térrea, paredes meias com uma corte de suínos; loja essa que lhes foi cedida por esmola, para não ficarem ao relento da noite.»

Cartas semelhantes de terras diferentes, dão aqui todos os dias. São párocos que devem ao nosso bom Deus a graça de se afligirem com o mal do próximo. A todos damos uma só resposta: que falem do altar abaixo. Que interessem todos os que podem. Que comecem a construir quanto antes segundo a norma do «Património dos Pobres»; e nós suprimos. Eis.

Nós pudéramos ter feito do *Património* uma natural extensão da Casa do Galato, construindo à beira destas, casinhas aonde os pobres

### DO QUE NÓS NECESSITAMOS

*As reais e actuais necessidades que nós criamos maior forma como as resolvemos, eis o facto impressionante e responsável por este cortejo silencioso, magoado, oportuno, eficaz. Cortejo permanente. Mais 20\$ de um Polícia de Segurança Pública de Aveiro, para o que julgar mais necessário, esta migalhinha. Mais do pessoal da Estação Automática dos C. T. T. de Luanda mil escudos. A lista é de 44 nomes. Aguardei o dia de pagamento dos vencimentos, que se efectua a 25 — informa, na carta, o iniciador dos movimentos, que se mostra por A. J. A. Não deram do que lhes sobra, mas sim do que precisam! Mais 100\$ de Uma Noiva Feliz. Que seja em breve esposa, são os meus votos. Mais outro tanto de Castro Daire. Mais 10 pares de sapatinhas de Gaia. Mais a Mabor, que não esteve com meias medidas e calça o nosso Morris com sapatos e meias! Mais o Porto que não está com meias medidas e, numa factura de oito contos de ferro para a casa de Miranda, escreveu que não é nada! O Porto a dar para Coimbra! Para onde não dá o Porto?! Mais 20\$ de Perosinho. Mais de Gondola, África, 50\$ para a viuva da nota da quinzena. Mais 100\$ de Lourenço Marques. Mais 30\$ de Montemor-o-Velho. Mais 5 contos do Porto. Mais 20\$ idem. Mais 600\$ da Viuva, por alma de seu Marido. Mais de Alcanena, cabedais. Mais uma pancadaria de encomendas do Correio. Mais o Depósito a dar boas notícias diariamente. E mais nada.*

morassem e chamar a umas e outras a *Nossa Obra*. Era uma coisa natural. De muitas maneiras se alimenta a ambição. A glória, mesmo que seja vã, é do agrado dos homens. Ela é mesmo uma das suas muitas fraquezas.

Pudera sim senhor. Mas Deus quis dar-me outros amores. Tirou-me da vulgaridade e mostrou-me a beleza da Igreja de Cristo.

Ora foi precisamente nesta luz que eu compreendi e renunciei. Disse ao Padre Adriano e ele concordou. Fazemos entrega das casas aos párocos e desta sorte, o «Património dos Pobres» é hoje uma *Obra da Igreja*. A sua expansão havia naturalmente de dar-se, não cuidando eu nunca que fosse tanta e tão depressa! E mais nós não sabemos nada do que está a despertar na inteligência e nos corações dos sacerdotes de todas as dioceses de Portugal! Quantos sonhos! Quem sabe se Deus do Céu lhes não manda um anjo a pregar os sofrimentos e o desconforto e a perene tristeza dos desabrigados! Até pode acontecer que o nome do Padre Américo a tal ponto se venha a confundir com os mais, que não haja de haver razões, no futuro, para o apontar a dedo. Pode acontecer.

Entregamos à Igreja a causa dos Pobres. Não há melhores clientes. Não pode existir um mais perfeito advogado.

Eu amo a Igreja pelo que ela é. Amo a Igreja por via da Pessoa adorável de Cristo, o seu fundador. Ela é obra totalmente Dele. A ela se deu. Por ela morreu. Nela salva o mundo. Nós confiamos à Igreja o «Património dos Pobres», sim. A sua catolicidade, não distingue paróquias. Não distingue dioceses. Tão pouco as nações. De onde quer que racional e justificadamente nos chamem, nós lá estamos para suprir. É assim que eu entendo uma Obra da Igreja. Tudo o mais é sacristia.

### Casas para Pobres

Com este título traz «A Folha» de Alpedrinha de 24 d'Outubro passado esta deliciosa notícia.

É a voz do Pároco: «No lugar do Outeiro acabam de ser construídas duas casas e outra anda já em construção, facto este que merece uma especial referência pelo processo de que essas casas são construídas. São pobres que fazem estas casas. E-lhes dado o terrado e a pedra que se corta no mesmo local, são-lhes dadas vigas e alguns pinheiros para madeiras, e as pessoas de família e amigas dão também ajuda com uns dias de serviço. E assim aqueles pobres, fazendo um esforço de boa vontade, conseguem a maior riqueza que um pobre pode ambicionar na vida — uma casinha pequenina a que chame a sua casa.»

Como este, de Alpedrinha, quantos por aí além não fazem sua a maior angústia dos nossos tempos, quantos! E tratam de construir ou estimular a construção de casas decentes para uma vida decente. Sem o conhecer pessoalmente, aqui, de onde estou, beijo as mãos deste sacerdote. Se nós todos quizessemos, iamós muito longe; com o valioso auxílio do Governo, os párocos das freguesias, cada um na sua, podiam re-

## TUBUNA DE COIMBRA

**Casas para Pobres**—É hoje a palavra que anda na boca e no coração de todos os Portugueses e até estrangeiros. É uma palavra completa e revolucionária. Na África, pela boca do Pregoeiro desta nova modalidade da Doutrina Cristã foi um assombro. Por aqui continua a alastrar a passos largos.

Na véspera da chegada do Sr. P.º Américo tivemos de pedir dinheiro emprestado para a viagem a Lisboa. Passando pela Baixa de Coimbra entramos num estabelecimento e encontramos:

«Agora—Uma Casa 12.000\$00. Para já, como não é possível ter uma casa minha, fica-me a consolação de ter oferecido uma à Obra do P.º Américo. Se pudesse ser, gostava que no próximo Natal, ela já fosse habitada. Deseja muitas felicidades e saúde a todos os gaiatos, e obreiros da «Obra da Rua».

Um admirador.

As Casas para Pobres resolvem tudo. Tenho pena de não poder dar o gosto a este Senhor com a sua casinha pronta no Natal, mas espero dar-lha na Páscoa.

Andamos agora a conluir as duas que têm dado muito trabalho e muito que falar. Ficam um nadinha mais caras: quarenta contos. São dois palácios, como diz o povo.

É tudo oferta duma alma grande. Ficam as suas «Alminhas» que serão alumiadas todas as noites, conforme o voto pio do oferente. Costumes tão portugueses!

Hoje, ao chegarmos, tivemos a grande consolação de encontrar quatro painéis em azulejo para as ditas casas e uma carta a dizer: «Valor da factura.

Oferta das Fábricas Aleluia — Aveiro.»

Vieram cinquenta por um vendedor; e mais 150\$00; e cem dum apaixonado que chegou à conclusão que o seu lugar não era no Seminário. A Casa de meu Pai tem muitas mansões. Vinte para uma telha, a um vendedor; uns brincos e uma aliança em ouro e 20\$00 duma filha, que eram da mãe. Agora são dos Pobres, que são bons herdeiros. Vinte no Castelo da Sofia; noventa para compra de algumas telhas e desejo que a Obra da Rua dê uma casa a todos os pobres mais necessitados.

É isto mesmo o que nós queremos. A seguir a estas duas que serão acabadas brevemente e entregues no Natal, a Conferência dos homens, vai fazer também uma. Aqui em Miranda ficam sete. O problema das casas para Indigentes fica quase resolvido.

Queremos partir para outras

solver, aliviar o fardo desnecessário e imerecido dos sem casa.

Quem sabe se a chama do *Património dos Pobres* não virá a provocar o maior incêndio dos nossos tempos?! É quam preciosa não é esta ajuda mútua dos Pobres do lugar do Outeiro, oferecida, certamente, pelo seu Pastor, à estação da missa dominical! Que formosa doutrina do altar! Sem me sentir diminuído, eu serei menos falado, no dia em que nenhum queira ficar para trás e todos façam um lugar do Outeiro, nas suas paróquias. Que muitos já estão assim fazendo..!

terras (já assim foram os nossos maiores, deram novos mundos ao mundo). Vamos para a Lousã. Nós temos lá muitos amigos. Ali já anda a fogueira a queimar. Já foram entregar três casas ao Sr. Prior e há um lamiré de muitas mais. Faltam agora os terrenos para a construção. A Câmara não tem ali perto. Também não faz sentido que se compre. Têm que ser os particulares. É um cantinho de terreno que não deixa falta ao dono e vi tornar feliz uma com sua casinha e quin'alinho.

Em Miranda e outros lugares ao princípio também não havia terreno e hoje há um mundo deles. Há-de ser também assim na Lousã e outras terras. Dêixamos aqui a fogueira acesa e vamos atear umas e acender outras.

PADRE HORÁCIO

### Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Navegávamos pela rota que outrora o Gama galgara mai-la sua esquadra. Nas conversas, a maior parte das vezes, a ordem do dia era a saudade dos Pobres. Dos nossos Pobres. A Mocha. O Sr. Dias. O João Manco. E mais outros. Todos eles. Tudo na saudade. Pois numa dessas ocasiões o Pai Américo prometeu dar um jantar aos de Paço de Sousa e outro aos de Galegos.

Cumriu-se. No 17 de Outubro, ao meio dia, duas mesas cheias. A maior para as mulheres e a outra para os homens. Aquela era a de pedra, formosa e larga, situada no pátio da nossa cozinha. Os vicentinos serviram. Eles são os servos. O Pai Américo mai-lo Sr. Abade da freguesia comeram à mesma mesa, o mesmo caldo, o mesmo conduto e a tão apetitosa sopa seca. Tudo era bom.

Um dia inesquecível. Houve os que disseram que nunca comeram com tanta fartura. Outros, outros suspiros de satisfação. Uma das notas mais chocantes foi aquela criança sub-alimentada ao colo da avó. Mal se aproximava a travessa botava-lhe as mãos com sofreguidão. Era a fome. Depois explicaram-me: nunca comeu assim. Uma criança! Como é preciso trabalhar! Dar às mães destes inocentes a oportunidade de bem criar os seus filhos. Basta leite. As crianças precisam de leite. Isto é um problema de todos os dias. Dos primeiros, senão o primeiro, nas inúmeras aldeias de Portugal. Nas cidades já vai havendo, mas naquelas contam-se pelos dedos o número de lactários.

Ao acabar, cada qual recebeu um envelope. Quanto, nem eu sei. Receberam e meteram-no à algi-beira. Por fim rezaram. Deram graças. E assim terminou a *consoladela*, como dissera a que chorava e só não se viam as lágrimas porque os óculos encobriam. Foi uma consoladela.

— Mais 20\$00 pelo feliz regresso do Senhor Padre Américo. Outros de algures. Maria A. V. Cruz ofereceu 10\$00. Um anónimo com 15\$00. De Mário Pires 20\$00. Um anónimo do Porto entregou pessoalmente 500\$00. Mais 50\$00,

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

# PELAS CASAS DO GAIATO

## LAR DO PORTO CONFERENCIA DOS GRANDES

Há um tempo para cá têm-se nos deparado certas dificuldades pela forma intensa com que chegam os pedidos deste ou daquele pobre nas suas várias dificuldades. Chegamos a pensar que não sei o que seria de um certo número de pobres se não fosse muitas vezes o nosso auxílio. É que certos auxílios que prestamos (como é de dever nosso), têm de ser urgentes, imediatos, a toda a pressa. Mas eu conto:

Há tempos que um dos nossos pobres se encontra desempregado. Ele são três pessoas: Homem, mulher e filha. De todos apenas trabalha a filha que ganha 20\$00 por semana. Eles vivem num quarto, onde pagavam por semana 50\$00, um quarto pequeno e acanhado. A situação era desesperada, pois não tinham para comer nem tão pouco para pagar a senhoria. Muitas vezes lhes valem os, pagando a respectiva renda, além da esmola semanal e ajudávamos em tudo o que nos fosse possível. Arranjamos-lhe ao homem, colocação nas Obras do Pavilhão dos Desportos, mas por infelicidade dele, dias depois saía para o hospital, com um braço seriamente magoado. Assim andou algum tempo, e depois de restabelecido, recebeu da Caixa uns magros escudos produto do tempo em que esteve desempregado e em que não recebeu. Reentrado de novo ao serviço, foi pouco depois mandado embora, assim como todos os outros, porque as obras acabavam no respectivo Pavilhão. D'então para cá, não mais se arranjou a colocação nem por nosso intermédio nem por esforço dele. Na verdade os nossos pedidos não têm sido felizes, e ele tem percorrido todo o Porto e lugares circunvizinhos sem nada conseguir. Como nós nem sempre lhe podemos valer, veio em seguida o atraso da renda do quarto, e por tal, a senhoria incumbiu alguém sem consciência, de espancar a pobre mulher. Se o pensaram melhor o fizeram, o pobre passado dias estava no hospital a tratar-se dos ferimentos que tivera depois de ter sido espancado. Mais; foi obrigada a entregar a chave no prazo de poucos dias. Nós de nada sabíamos e só o soubemos quando da visita semanal, onde ela nos contou que tinham já dormido uma noite sobre um banco nas Fontainhas. Tal não podia continuar, e assim, arranjou-se-lhe um quarto pelo qual pagamos a renda até se conseguir colocação para o homem.

Meditai amigos leitores! Vede como a vida é dura para estes pobres de Deus. E vós que tendes todo o conforto do vosso lar não vos esqueceis nunca que eles precisam do vosso auxílio. Ajudando-nos, ajudais os pobres.

As outras dificuldades são mais ou menos do mesmo mal. Empregos, rendas de casa, medicamentos, roupas, etc., etc.

Os pedidos vêm todos os dias e nós graças a Deus a todos vamos acudindo conforme nos é possível. Mas precisamos de vós estimados leitores, e por isso, estamos na campanha dos Subscritores. O Subscritor é aquele que paga uma quota por mês, é o fulcro da nossa existência. O Chico das Pombas, Tesoureiro da Conferência, tem sido incansável em angariar novos subscritores e em curto espaço de tempo, conseguiu angariar 92. Mas tal êxito deve-o em parte como ele diz, a umas senhoras que trabalham nos Correios. Naquelas Repartições, elas juntamente com ele, têm pedido a todos para que se inscrevam e têm sido bem sucedidos. Na verdade, 92 em tão curto espaço de tempo foi trabalhar. Mas não descansam enquanto não conseguirem os 200. Pois bem hajam, e era bonito que noutras repartições houvesse a outras senhoras que se interessassem por esta nossa Campanha e fizessem como estas senhoras, que não se esquecem das necessidades do nosso próximo. Actos destes enobrecem com a prática e simplificam a nossa missão. Portanto, senhores dos Correios, dizei «presente» quando os nossos mensageiros chegarem e pedirem o vosso auxílio. Disso beneficiarão os pobres, os nossos irmãos pobres.

Para subscritores da Nossa Conferência, entrar-me com muita graça, as Meninas: Ilda Fernandes Costa Reis, de 4 anos de idade e Isabel Maria Costa Reis de 5 meses de idade. Digo em cima com muita graça, não só pela idade mas também e principalmente, porque era engraçado se houvesse uma batalha na angariação de subscritores de pouca idade. Quer dizer, ver qual ficaria a ser o mais novo subscritor da Nossa Conferência. É só continuar.

A todos os que nos têm ajudado, quer por meio de dinheiro, por favores, pelo envio de roupas e por facilidades concedidas, quer ainda por actos como acima mencionamos e ainda por outros meios, enviamos a todos o nosso mais vivo reconhecimento e de todo o coração lhes agradecemos. A todos pois muito e muito obrigado.

P. S.—Para o envio de donativos, roupas ou inscrição de subscritores, a nossa morada é a seguinte:

Presidente da Conferência do Lar do Gaiato do Porto—R. D. João IV n.º 672—Porto. Isto

não sabemos de quem, nem de onde. E outros 20\$00 de uma leitora que não indica nome. O assinante 21.120 mandou-nos 20\$00. E por fim de um anónimo de Vila Rei 15\$00.

JULIO MENDES

orque há duas Conferências, a dos Grandes que é a nossa e a dos pequenos, que têm outra morada...

**CONFERENCIA DOS PEQUENOS**—A 1 de Outubro de 1952, neste Lar do Gaiato do Porto (Os Pequenos) foi fundada uma conferência de S. Vicente de Paulo, destinada a socorrer os pobres que dela precisarem.

A mesma é destinada a habitantes mais pequenos deste Lar que assim, desde já, começam a sentir o verdadeiro carinho pelos nossos irmãos abandonados. Ficou resolvido no acto da fundação desta conferência, que os principais casos a resolver seriam: A assistência espiritual, visita ao domicílio do Pobre, esmola semanal, sendo o mínimo de dez escudos para os menos necessitados, alugueis de casas para os que não a tiverem, assistência médica, etc. A mesa ficou assim constituída:

Presidente: Norberto Pereira  
Vice-Presidente: Joaquim Sousa  
1.º Secretário: Fernando Guedes  
2.º Secretário: Joaquim Bonifácio  
Tesoureiro: Delfim Ferreira

Como nosso orientador e assistente espiritual ficou o nosso chefe Carlos Gonçalves.

Por não haver mais nada a tratar, foi a nossa sessão encerrada pelo nosso Presidente.

a) Fernando Guedes  
**PAÇO DE SOUSA** Foi no passado dia 17 de Outubro, que na nossa aldeia se reuniram os pobres socorridos por ambas as conferências de S. Vicente de Paulo desta reguésia, a masculina e a feminina. Reuniram-se todos para um almoço que o nosso Pai Américo lhes ofereceu.

Ao todo eram uma trintada de nossos irmãos menos afortunados. O almoço foi na mesa de pedra à beira da cozinha. O Pai Américo também almoçou no meio deles. O Senhor Abade da freguesia também estava presente. Eram novos e velhos, homens e mulheres. O ambiente era de alegria, alegria essa que por alguns era compreendida pelos gestos, já que falar não podiam de tanta comocção. Não licaria mal se eu dissesse que era alegria espiritual a que reinava neste banquete.

Estes homens e mulheres, mais uma vez deram graças ao Pai Celeste, a agradecerem ao seu Procurador Geral, que ainda há quem cumpra o Decálogo. «Amarás ao Senhor teu Deus e ao próximo como a ti mesmo».

O almoço foi servido por alguns dos nossos rapazes mais velhos, e pela já conhecida Senhora dos Emblemas, que também quis estar presente com seu marido. A ementa foi sopa de hortelã, arroz de forno com umas batatitas, carne, pão e vinho. A sobremesa foi sopa seca. Graças ao Senhor tudo à farta. Terminado este banquete dos pobres, o nosso Pai Américo distribuiu a cada um, um envelope com algum dinheiro. Depois deram graças ao Senhor e rezaram pelos seus benfeitores.

No final, cada família despediu-se com olhares de gratidão ao Pai Américo, que satisfeito sorria e olhava para eles.

Foi no passado dia 23 de Outubro, que o nosso Pai Américo completou os 65 anos de idade. Principiamos esse dia com o Santo Sacrifício em acção de graças ao Pai Celeste, pela saúde e pelas forças que tem dado ao nosso Pai Américo, para continuação da Obra da Rua. A tarde houve tolerância de ponto, e o nosso primeiro magusto, castanhas e vinho. A noite houve jantar melhorado, muitas palmas e vivas ao Pai Américo.

Que o nosso bom Deus dê forças e saúde ao nosso Pai Américo, para poder multiplicar as Casas do Gaiato e Património dos Pobres, eis os votos de todos os seus filhos.

Mais um dos nossos livros está prestes a sair para os leitores, é «O Barredo».

A tiragem deste livro é de 10.000 exemplares. Nele se mostra como vivem os nossos irmãos do Barredo, e como seria fácil se todos quizessem, em vez de viverem em águas furtadas, corredores, portais, vielas, e eu sei lá que mais lugares esses em que a luz do dia não entra, e aonde a doença abunda, viverem em casas modestas como as de diversos bairros da cidade, ou como as do «Património dos Pobres».

Pois leitores, «O Barredo» está recebendo os últimos retoques para depois fazer luz. Não se deixem ficar indiferentes e façam desde já os vossos pedidos à Editora - Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa.

Manuel Pinto

## MIRANDA DO CORVO

Caros leitores, em primeiro lugar quero-vos pedir desculpa por não vos ter dado notícias, nestes últimos números.

Nesta minha crónica começo por lembrar o inverno e o Natal e escusado seria dizer, mas para ficar bem fixo, peço-vos roupas e em especial meias, camisolas e ainda outros vestuários que necessitamos. Lembro também o Natal para quem nos tem mandado tudo completo que não se esqueça este ano de nós; dar o azeite, a farinha e até as abóboras. Desde já ficamos muito gratos.

Temos um novo chefe. É o Carequita. Este tem de substituir o João Alva antigo chefe que teve de ir estudar para Coimbra. Fazemos votos para que o novo chefe cumpra com acerto o seu dever e que o novo estudante tenha boas notas.

# Isto é a Casa do Gaiato

\*\*\* Ao abrir hoje uma data de encomendas postais, notei que uma era de figas. Fi gas para acaçar pa: rinhos. Ora eu que levo aqui a minha vida a pregar os passarinhos, a dizer que não e a defendê los com unhas e dentes, e aparecem me cá figa: ! Os senhores não mandem mais.

\*\*\* No domingo fomos a Viana do Castelo. Carlos guiava e por passageiros era o Tomar, era o Bernardino e era eu. Chegamos ao meio dia e não sabíamos aonde comer. Tomar

Um dia de festa. No dia 23 do mês passado como de costume, foi um dia de festa em nossa casa, visto ser o dia dos 65 anos do nosso Pai Américo. Começamos a festa pela parte espiritual com a comunhão e missa cantada onde pedimos por ele a Deus que lhe conservasse a vida e lhe desse muita saúde e coragem para continuar na sua grandiosa obra. Depois à tarde houve bola e um magusto de castanhas que encerrou esse dia.

A venda do famoso tem sido escapatória. Já quase se vende tantos como em Lisboa. Os nossos vendedores andam com vontade de isso, vamos ver se o conseguem pelo menos já se vendem mil e duzentos, mas em proporção até batemos os do Porto. Em questão de venda quero agradecer aos senhores que nos têm recebido carinhosamente abrindo-nos sempre as portas. Na Figueira é um sr. Dr. que nos dá almoço e jantar já há mais de um ano e muitas pensões e na Louã é o sr. Dr. Juiz e o sr. Ferreira. A estes senhores muito obrigado.

Um passeio por prémio. Já há muito tempo reinava o entusiasmo nos vendedores um prémio. Como o sr. Padre Horácio tinha de ir a Paço de Sousa aproveitou esse dia para o passeio prometido. Partimos num sábado para Paço de Sousa com paragem em S. João da Madeira e no Lar do Porto. Passamos o domingo em Paço de Sousa e na segunda-feira para Mira visitando o novo seminário de Aveiro. Chegamos a Mira dirigimo-nos para a praia onde nos ofereceram um esplendido almoço. Ali passamos a tarde na festa e vimos as regatas, regressando depois para Coimbra. Gostamos muito do passeio e por isso temos de fazer pela venda para merecermos outro para o ano.

CARLOS MANUEL TRINDADE (Sardinha)

**COIMBRA A NOSSA CONFERENCIA**—Como os nossos leitores sabem as Casas para os pobres ou o Património dos Pobres é hoje uma realidade e já com uma raiz bem funda que vai estendendo por esse Portugal além as suas ramadas e prendendo à sua passagem todos aqueles que compreendem a sua doutrina. Muitos já a viram e admiraram e sabem também que aonde há Casas ou Lares do Gaiato elas se edificam, porque senão vejamos: Paço de Sousa, Lar do Porto, Casas de Miranda e Tojal e S. João da Madeira. E Coimbra? Sim, é verdade, Coimbra ainda não tem uma Casa para os Pobres. Uma só para amostra. É pena que a terceira cidade do país, a Capital do centro de Portugal, a cidade Lusitana ainda não tenha uma Casa para os Pobres, que fique a assinalar a passagem do amigo dos pobres—O Pai Américo.

Já alguém me perguntou: Então vocês não fazem Casas para Pobres? Infelizmente não. E porque? Porque 1.º não tem terreno, 2.º não temos dinheiro e por último o meio de Coimbra não nos é propício para uma coisa destas.

Agora devo de a uma conversa numa das últimas reuniões nasceu a ideia de tentar a construção de uma simples casa para o pobre e agora, que vamos tentar, vós não nos querdes ajudar? Vamos construir uma? Sim essa é a nossa vontade. E a vossa, comimbricenses? É dessa vontade que ficamos à espera. Não nos preocupamos por enquanto com o dinheiro. O que queremos é que nos dêem terreno para a sua construção. Terreno, porque o resto virá depois. E virá de quem? Daqueles que um dia quando ela estiver erguida, dirão aos quatro ventos: «tu também contribuí com um pouquinho do meu suor para esta moradia dos pobres do Pai Américo. Ela não será para nós. Será para aqueles que vivem ao vento, à chuva, ao frio; para aqueles que não têm que comer, que vestir e calçar. É para esses que vamos construir uma casa, caros leitores. Casa essa que é dada ao nosso irmão pobre, que não teve uma mão que o levantasse da miséria onde caiu, para o nosso irmão pobre materialmente, mas às vezes rico de alma. Sim, porque todo o outro que existe no mundo não chegava para pagar uma alma e ela não é um objecto que se pode negociar, mas sim, um tesouro que pertence a Deus. O nosso irmão pobre precisa, mais do que nós, que o ajudemos e por isso eu apelo para aqueles que amam um só Deus infinito e verdadeiro.

Se vamos erguer a Casa para o Pobre de Coimbra é porque temos esperança e porque temos a certeza de que todos nos ajudarão. Esperamos auxílio do Sr. Presidente da Câmara, do Comércio e da Indústria e de todos os comimbricenses em geral. Quem nos ajuda?

José Maria Fernandes

estava triste e repetia muitas vezes; se fosse em Braga eu bem sabia aonde nós havíamos de ir. A certa altura perguntamos e soubemos que ali perto era uma Pensão. O criado pôe a mesa e começa a servir Tomar não se calava. Tomar queria mostrar os seus conhecimentos; que eu ficasse sabendo do seu prestígio. E repete; se fosse lá não era Pensão nem nada. Eram uns senhores que dão coisas muito boas. O criado começa a servir. Tudo bem feito e tudo no seu lugar, mas o Tomar não. O Tomar não se cala. Agora vira-se para o Bernardino, que já conhece Viana de lá ter ido vender, e dá-lhe uma grande desancadela; tu tinhas obrigação de levar o Pai Américo a casa dum nosso amigo. Mas no fim calou-se. Ao ouvir o criado dizer que não era nada, o Tomar calou-se. E ficou a saber por esta, que naquela terra todos são nossos amigos.

\*\*\* A confirmação disto que digo tivemos-la acima um nadita. Haver do entrado num café para tomar dele, a moeda foi a mesma. E mais, na conta, também havia um Macieiral O dia estava marcado para a romaria. Quem passa por Santo Tirso e não vai ós jesuitas, não viu nada. Ora nós, que gostamos de ver tudo, fomos a eles. Veio o prato, vieram os copos e veio recado que não era nada! Antes de eu ir a África, era tudo assim e hoje, após o meu regresso, não mudou o repertório.

\*\*\* Como era de esperar, tantos foram os que saíram para empregos, como os que entraram para aqui. Assim todos os anos. Entre os novos, venho dar com um a quem chamam o Loirinho. O nome vem da cabeleira. Mande-o ao barbeiro, mas houve aqui um levante. Veio uma comissão especial ter comigo, que não mandasse cortar o cabelo do Loirinho. Ao tempo, já sabia que a criança costuma tomar um pente e ir ao Avelino para o pentear! É verdade. Que terá este Avelino, que, havendo tantos em casa, é ele o preferido? Que terá ele, ainda, que, havendo tantos em casa só a ele vão pedir brinquedos? Por amor deste mistério, não foi ainda abaixo o cabelo do Loirinho. Mas tem de ir.

\*\*\* O Abel deu hoje uma sova no Russo por causa do garnizé. O Russo é o das capoeiras. O Russo foi visto a apertar as costelas do garnizé. Abel, da oficina, viu. Larga tudo e pede contas do culpado. Os nossos galinheiros são hoje a melhor coisa da aldeia. Aproveitaram a minha ausência e tudo são apilados. Russo, de mangueira na mão, começa numa ponta e acaba na outra. Por amor das castas, o tratador não abre ao mesmo tempo as portas das capoeiras. É uma de cada vez por causa das confusões e dos barulhos. Não vi melhor na África do Sul quando por lá andei... É tal a nossa perfeição, que se alguma galinha dá em não prestar, abate-se. Raci mo!

\*\*\* Temos no Lar do Porto um pequenino de 4 anos, espólio de uma pobre que morreu no Barredo. Eu desejo trazê-lo para Paço de Sousa. Por todos os títulos ele pertence aqui. Pois não tem sido possível!

Os do Lar não o dispensam. veio de uma vez, sim, mas tornou! Tornou e lá está. Brinca no quintal com um cãozito que lá temos e é de todos quando todos chegam do trabalho. Eu podia agir, mas estragava. Roubava-lhes uma nota de beleza e piedade Quero-me deixar vencer por agora. A seu tempo falaremos.